

valter
hugo
mãe



a máquina
de
fazer espanhóis



BIBLIOTECA AZUL

Prefácio de CAETANO VELOSO



sumário

[pular sumário\[»» \]](#)

[prefácio](#)

[capítulo um](#)
[o fascismo dos bons homens](#)

[capítulo dois](#)
[a brancura é um estágio para a](#)
[desintegração final](#)

[capítulo três](#)
[o amor é uma estupidez intermitente](#)
[mas universal](#)

[capítulo quatro](#)
[um ataque de qualquer coisa](#)

[Capítulo Cinco](#)
[Teofilo Cubillas](#)

[capítulo seis](#)
[beleza de nobre e fome de miserável](#)

capítulo sete
herdar portugal

capítulo oito
o silva da europa

capítulo nove
o tempo não é linear

capítulo dez
os olhos pequenos de mais para verem
uma coisa tão grande

capítulo onze
o esteves a transbordar de metafísica

capítulo doze
a promoção da beleza de se ser
pobrezinho

capítulo treze
a máquina de roubar a metafísica a um
homem

capítulo catorze
cidadãos não praticantes

capítulo quinze
velhos da cabeça

capítulo dezasseis
a memória selectiva

Capítulo Dezassete
A máquina de fazer espanhóis

capítulo dezoito
deus é uma cobiça que temos dentro de
nós

capítulo dezanove
somos um povo de caminhos salgados

capítulo vinte
o que couber aí é pequeno

capítulo vinte e um
precisava deste resto de solidão para
aprender sobre este resto de
companhia

capítulo vinte e dois
as melhoras da morte

sobre o autor

créditos

prefácio

Os caminhos salgados que separam e unem desde sempre e para sempre portugueses e brasileiros abriram-se de forma inesperada aqui à minha frente quando recebi o convite para prefaciar a nova edição brasileira de *a máquina de fazer espanhóis*. Que já as tenha havido tantas é demonstração de como cala fundo em corações luso-americanos a fábula de amor sincero e melancolia histórica (e biológica) que move este livro. Em primeiro lugar, impacta-me que, exatamente quando da minha entrada na velhice, chegue-me às mãos o trabalho de um jovem em que a contemplação do inexorável avanço da idade é a motivação de um exercício exuberante de escrita, onde a força da memória vocabular e emocional (força que define um verdadeiro escritor) surge luminosamente. É conhecida a reação entusiástica de José Saramago à escrita de Valter Hugo Mãe: ele viu ali, de dentro de sua lúcida velhice, um “tsunami estilístico, semântico e sintático”. Esse comentário me parece a expressão de alguém que flagrou a retomada de procedimentos formais por si inaugurados – a decisão de reduzir a pontuação às vírgulas e aos pontos, deixando ao leitor a percepção das interrogações, das exclamações e dos travessões de passagem da narrativa para o diálogo, assumindo assim o escritor a responsabilidade rítmica e prosódica de guiar quem o lê – que aqui são conduzidos com a vitalidade da juventude.

A escolha de escrever apenas com letras minúsculas

radicaliza o método saramaguiano. Mas não só. É uma característica de muitos textos de vanguarda de minha geração. Evidentemente Mãe não estava inconsciente disso: das notas de contracapa dos discos de Bob Dylan a muito da produção do movimento de poesia concreta, a exclusividade da caixa baixa foi marca de liberdade de muitos poetas e missivistas entre o final dos anos 1950 e o final dos anos 1960. Eu próprio escrevi todo o texto de contracapa do primeiro disco tropicalista sem usar maiúsculas – exceto quando, ao referir-me a João Gilberto, grafiei “Ele” – e ainda hoje troco cartas (por e-mail) com alguns amigos que só escrevem (e a quem só escrevo) em caixa baixa. Valter Hugo sem dúvida optou pelas minúsculas sabendo de tudo isso – ou de exemplos equivalentes, quem sabe até estando mais avisado de outros antecedentes importantes à moda das minúsculas exclusivas, que foi parte notável do experimentalismo estético/ético/existencial que explodiu no período que, mesmo começando nos anos 1950 e prosseguindo pelos 1970 adentro, aprendemos a chamar “anos 60”. É que, dado o uso específico do procedimento, no caso dos livros de Mãe em que não há maiúsculas (além de não haver travessões, pontos de interrogação, aspas ou pontos de exclamação) o que encontramos é uma estrutura geral que faz da radicalização do modo eleito por Saramago um elemento que contribui para a excepcional fluência do seu texto. Uma fluência que faz menção à de Saramago mas que tem motivações próprias. E consequências distintas.

A bem dizer, *a máquina de fazer espanhóis* não se atém às minúsculas. Nos dois capítulos em que a polícia – a atual e supostamente legítima repressão democrática – entra no Lar da Feliz Idade, os travessões, as maiúsculas, a narrativa

em terceira pessoa, os pontos de interrogação e as aspas invadem o livro. Aliás, no capítulo cujo título dá nome ao romance – “A máquina de fazer espanhóis” – as maiúsculas (e todo o seu séquito) estão presentes, como que a gritar o contraste com o título impresso na capa, reforçando o teor rebelde das letras pequenas e, ao mesmo tempo, fazendo pensar duas vezes sobre os capítulos destacados. Toda essa questão formal da arte gráfica e da pontuação está em sintonia com a complexidade dos sentimentos relativos à vida e à política que são o espírito do livro.

Do lado de cá do Atlântico, vivi recentemente um momento que a leitura do romance de Valter Hugo me trouxe uma e outra vez à memória. Em meio à instabilidade social, econômica e política que o Brasil atravessa, uma notícia terrível veio intensificar a angústia de ser brasileiro: uma garota de dezesseis anos foi estuprada por um grupo de homens mais ou menos ligados ao tráfico de drogas que assola as favelas brasileiras desde os anos 1980. Detalhando-se a investigação, chegou-se à certeza de que o ato cruel se deu em dois turnos e em duas casas diferentes. A moça já estava inconsciente na segunda sessão. Eu estava assistindo ao noticiário da televisão que dava conta dos desenvolvimentos dessa macabra história, mas precisei me afastar para resolver assunto imediato. Na volta, deparei-me com a informação de que já se tinha chegado aos primeiros nomes dos perpetradores. Talvez os locutores já tivessem dito alguns nomes antes daquele que ouvi e li primeiro, mas para mim a informação se cristalizou neste: Michel Brasil da Silva. Michel é o prenome do presidente interino que tomou o lugar de Dilma Rousseff quando – e isso tinha acontecido fazia poucos dias – esta foi afastada da

presidência por um processo de impeachment para cuja justificação parece que nunca se encontrou crime. Estávamos entre os reacionários e a imprensa, que louvavam tal processo, e os que o consideravam um golpe. Fora um golpe parlamentar e também midiático, só que dando-se como que em câmera lenta, levando o tempo necessário para fingir ser um processo legal. O prenome “Michel” não é comum entre brasileiros: forma francesa do nome do anjo/santo Miguel, sem dúvida nomeia o atual presidente interino devido à sua origem libanesa – e o criminoso favelado por causa da maravilhosa liberalidade com que os brasileiros podem escolher como chamar seus filhos. Assim, o prenome francês surgia ali frisado, fazendo imediatamente pensar no presidente interino que mal (e mesmo mal) chegara ao poder. O primeiro sobrenome de família do criminoso, o que vinha como “nome do meio”, era – incrível! – Brasil. E, para rematar, vinha Silva, o mesmo sobrenome de Luiz Inácio, o Lula – contra quem toda a movimentação que levou ao impedimento de Dilma se dirigia –, e que é o nome de família que os brasileiros pensam ser o sobrenome geral da gente do povo (numa das peças teatrais do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, uma canção escrita por Geni Marcondes e Augusto Boal fez grande sucesso e marcou fundamente a cultura brasileira no começo dos anos 1960: “Zé da Silva”, o nome sugerindo tratar-se do brasileiro genérico, sendo mesmo o nome geral do povo do Brasil). MICHEL BRASIL DA SILVA. Sendo nós, brasileiros, os da selva selvagem, os propriamente silvícolas, as ironias amargas sobre o grassar de Silvas nas conversas dos velhos de Valter Hugo Mãe – e no ritmo de poesia que este lhes dá – caíram em meus ouvidos como cânticos, ora dolentes, ora

sarcásticos, que me levavam a sentir fundo os complicados e misteriosos sentidos que o desenrolar de nosso destino comum – de brasileiros e portugueses, ou, em todo caso, de lusófonos – vai ganhando, sofrendo ou produzindo.

A fortuna crítica e o sucesso abrangente deste romance no Brasil exibem feições comoventes. Momento profundo das relações afetivas entre Brasil e Portugal, *a máquina de fazer espanhóis*, um livro tão exclusivamente português, com seu linguajar coloquial lusitano e suas referências às intimidades da vivência da história política de Portugal, faz o leitor brasileiro mergulhar na dimensão portuguesa de sua vida, reencontrar origens de tantas das suas fraquezas em face de um grande sonho – e de tantos enternecimentos em face de sinceras modéstias. Faz o leitor brasileiro enriquecer suas perguntas quanto à capacidade de grandeza, à realidade de suas responsabilidades. O romance é um romance que se escolhe pequenino, como o Portugal pequenino do Jacinto de Thormes, que não se esquece dos pequeninos, para expressar a grandeza dos temas da vida e da morte, do amor, do destino histórico de um povo. O Portugal oprimido sob a ditadura de Salazar e o Portugal sob a batuta de austeridade da União Europeia são flagrados nos momentos finais de vidas comuns, mas o homem comum da Tabacaria de Álvaro de Campos, o Esteves sem metafísica, está ali entre eles – e sobrecarregado de metafísica. A grande poesia, que reflete as insuperáveis questões da existência (mas também a singularidade portuguesa do estar no mundo), empresta seu personagem à narrativa sobre velhos que o escritor moço inspirou-se em produzir. Entra como o Quixote no segundo livro. Mas a ênfase não recai sobre a metalinguagem. Antes, a metalinguagem, como as

minúsculas, serve ao desvelamento de uma realidade intuída pelo jovem autor. Com sua cabeça clara – que há de perdoar o tom talvez pedante destas palavras com que um cantor de rádio pretende saudar a nova edição do seu livro entre nós – Mãe dá conta dessa complicada tarefa de modo leve. Bastar-me-ia registrar quão comovente é para mim – e suponho que o será para muitos brasileiros – saber que a audição de canções da Legião Urbana contribuiu para a formação da sensibilidade de quem realizou com tanta delicadeza trabalho tão potente.

Caetano Veloso

Rio de Janeiro, julho de 2016



Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Álvaro de Campos, “Tabacaria”



Mamã, quando eu for grande, quero trabalhar, viver sozinha e ser mãe solteira de um porco.

Catarina, cinco anos



dedicado ao meu pai,
que não viveu a terceira idade

capítulo um

o fascismo dos bons homens

somos bons homens. não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingénuo vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores. um povo assim, está a perceber. pousou a caneta. queria tornar inequívoca aquela ideia e precisava de se assegurar da minha atenção. não tenho muita vontade de falar, sabe, senhor, estou um pouco nervoso, respondi. não se preocupe, continuou, a conversa é mais para o distrair e, se ficar distraído sem reacção, também não lho levo a mal. é o que fez a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. é um dado adquirido, como existir oxigénio e usarmos os pulmões. não nos hão de convencer que volte a censura, qualquer tipo de censura, isso seria uma desumanidade e agora somos europeus. qualquer iniquidade do nosso peculiar espírito há de ser corrigida pela europa, para sempre. isto é que é uma conquista. e é como respirar, existir oxigénio e usarmos os

pulmões, não se mete requerimento, faz-se e fica feito e não passa pela cabeça de ninguém que seja de outro modo. eu estava impaciente. abanava a cabeça como se concordasse, que era o meu modo de atalhar pela conversa com maior rapidez e sem enlouquecer. a laura não recebia alta e os médicos iam e vinham sem me atenderem por um minuto que fosse. o homem voltava a usar a caneta nos formulários intermináveis que preenchia, e repetia, se não dermos nas vistas, podemos passar uma vida inteira com os piores instintos, e ninguém o saberá. com a liberdade, só os cretinos mais incautos passaram a ser má gente. tudo o resto preza-se e cabe na sociedade de queixo erguido. e isso leva-nos a quê, perguntei eu. a quê, retorquiu, exultante pelo meu aparente interesse. sim, respondi algo provocador, o que quer dizer com isso, na verdade, na prática, o que significa uma afirmação toda ensimesmada dessas. ele voltou a pousar a caneta, pôs-se de pé com ar de quem faria um rodeio interminável mas, depois da hesitação, foi directo ao assunto. respondeu, num tempo em que todos somos bons homens a culpa tem de atingir os inocentes. pensei nos inocentes. não sou um homem piedoso. não há inocentes. o senhor, se não se importa, vai ver como está a minha mulher, já cá entrámos há duas horas e para uma má disposição depois do lanche começa a parecer-me muito tempo. tenha calma, senhor, tenha calma, isto por aqui anda pelas horas de deus. não acredito em deus, respondi-lhe, chegam-me os homens. e ele retorquiu, e acha que acredito eu. não. é só um modo de falar. deitamos mão ao que diz o povo e falamos sem pensar.

fui para ao pé da janela. estava um dia turvo, não coberto de nevoeiro, mas de uma claridade espessa, difícil de

transpor, a queimar os olhos ameaçando uma tempestade para breve. ele levantou-se também e disse, ficou abafado, odeio estes dias. respondi, como eu. ele volveu, não ficou aborrecido com a nossa conversa, senhor silva, pois não. eu disse que não. são coisas tolas de quem pensa muito na vida, insistiu, porque na morte dá medo pensar. não se canse, também penso, e neste momento, como sabe, preocupo-me com a vida da minha mulher. ficámos um instante a perscrutar o exterior como se quiséssemos que enfim desabasse aquele céu pesado, mas não aconteceu nada. o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva. cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como a frente e o verso, eu, antónio jorge da silva, e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho. continuou, somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas. somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua. exactamente, concordou, assim do mato, grassando pelo terreno fora com cara de gente, mas muito agrestes, sem educação nenhuma. eu torci a cara e não respondi. depois não resisti a acrescentar, olhe que somos gente educada. e ele quase me repreendeu, mas a educação tem sido apertada neste país, à paulada, ou não lhe parece. achei que aquele silva era um imbecil dos grandes e que me estava a empatar as energias com retóricas a chegar a um ponto em que a irritação me fazia agir contra a vontade de estar quieto. e ele insistiu, já no limite, mas somos bons homens, podemos acreditar no que quisermos, seremos sempre bons homens. nós, os portugueses, somos mesmo, ponha isso na sua cabeça, colega silva. e a mim ninguém me

apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não o aceitaram ou não o perceberam. mas, sabe o que lhe digo, é inevitável. vai chegar a todos. é tempo. é tempo. um dia seremos cidadãos de um mesmo mundo. iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação. estamos a alastrar, como nos compete, e um dia ainda deixaremos de ser silvestres, agrestes, isso de ir como o mato, porque estaremos cada vez com melhores maneiras, sofisticados e cheios de nuances de interesse, subtilezas como as que assistem aos grandes caracteres. um dia, caramba, estaremos até cheios de razão.

podia ser um modo de explicar todos os silvas, dizia ele rindo. grassando como o mato e bons homens, a explicação de todos os silvas. e a minha mulher, perguntei eu. não me pode ajudar a saber alguma coisa sobre a minha mulher. ele atordoou-se um bocado, como a sair de um estado de hipnose qualquer, e perguntou, que posso eu fazer. a mim não me dão satisfações, sou só um auxiliar. lá de fora ouviu-se um estalo seco no céu, como se um vidro baço quebrasse finalmente, pronto a deixar passar a chuva. vai chover, disse aquele silva da europa. calei-me, voltei à janela com uma necessidade profunda de sair dali.

subitamente um médico entrou na pequena sala e veio ao meu encontro. senhor antónio silva. respondi que sim. a sua mulher encontra-se bem, estamos ainda à espera do resultado de alguns exames, agora encontra-se apenas a dormir. foi sedada, pelo que não acordará tão cedo e nós vamos querer que ela passe cá esta noite. eu sorri como uma criança perdida a quem se dá a mão. não posso ficar também, perguntei. o médico, já afastado de mim, disse que

não e desapareceu, neste serviço não. o silva da europa comentou, para eles é tudo mais fácil, sentem pelas pessoas um cuidado profissional. é como tratar de plantas, rigorosamente igual, que eu bem vejo que nem escutam o que se lhes diz, nem que o paciente gema ou grite, eles leem os papéis e as chapas que imprimem, olham para a cor das pessoas e decidem o que lhes apetecer. mas não se preocupe, sabem o que fazem e até têm coração, que eu bem os entendo. mas não posso voltar para casa sem ela. não a posso deixar aqui sozinha. não estaria sozinha. estaria sozinha de mim, que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo. e isso nunca aconteceu. não, em quase cinquenta anos de casados, nunca aconteceu. também foi uma sorte. sim, foi uma sorte. não seja por isso, disse ele, se tiver paciência para a minha companhia, fique por aqui ao pé. simpatizo consigo. falo com os seguranças e passa cá a noite a ver-me preencher formulários e a ouvir a chuva. ainda lhes digo que é um primo. podíamos ser primos. que idade tem. acabei de fazer oitenta e quatro. espantoso, olhe que não parece. eu tenho sessenta e cinco e vou para casa no próximo mês, que já trabalhei para me fartar e agora quero mordomias.

a chuva abrira violentamente pelo mundo fora. vinha de encontro às vidraças como se contivesse em si um monstro dentado esforçando-se por tragar-nos. caí para a cadeira ao pé da secretária, onde o outro recomeçava o seu trabalho, e senti-me encurralado.

e a reforma é que devia vir mais cedo. antes das dores nas costas e da perda de jeito para conduzir. eu já não conduzo nada. fico encandeado com as luzes e confunde-me o barulho e a gente a vir de todos os lados. mas nem pode

imaginar como me apetece ficar por aí sem ter o que fazer, só a passear e a comer coisas frescas. estou mais farto destas tarefas. sou o rabo desta máquina. o cu da máquina, entende. a porcaria que ninguém quer fazer, esta porcaria, vem toda aqui parar à minha mesa. e, enquanto olho por quem entra ou deve entrar, despacho a vida como se tivesse vontade de a despachar à pressa. eu sou daqueles a quem a vida doeu e, mais cedo me possa estender a descansar, mais feliz me ponho. isto por aqui é muito bom para quem começa e tem saúde. mas para nós, os mais velhos, já é uma tristeza vir para cá ver quem adoece e quem morre. é todos os dias a mesma coisa. estamos nisto para morrer, não tenha dúvidas, e não há milagre que para aqui mande anjos ou santos a ressuscitar ninguém. quem já foi, já foi, e não volta. que eu aqui é que bem o vejo. sem piedade pelos justos ou bondosos, ficam branquinhos igual aos maus ou sovinas e cabem nos mesmos caixões e, sabe o que é incrível, levam dos padres as mesmas encomendas nos sermões. tudo à medida, para provar que vamos todos para pó e somos uma valentia exactamente igual e mais nada. e se esta chuva ganhar um bocado mais de força, vai entrar por aqui adentro. não se admire. já aconteceu. uma vez deu para aí uma tempestade que até parecia raivosa connosco. andou a fazer estragos, nas redondezas, quero eu dizer, mas quando chegou ao hospital parecia que conhecia cá alguém. nossa senhora do leite. pôs-se a bater de tal maneira nos vidros que, ao fim de uns minutos, nem sei como foi, racharam uns quantos e, aqui diante de nós, a coisa teve tal intensidade que só não morri laminado em dois porque pressenti o ataque e escondi-me lá para o fundo a ver no que dava. agora é diferente. está tudo reforçado. isto não parte com

qualquer pancada. fique descansado. nem que esta tempestade o conheça a si, não o há de apanhar cá dentro. estava só a assustá-lo um bocadinho.

acha que os carros estão seguros, perguntei eu. não sei, respondeu, hoje acredito que se ponham para aí a flutuar como barquitos até meterem água boa para irem ao fundo. qual é o seu, quis ele saber. aquele. aquele cinzento já meio velho. se lhe der a água, leve como é, vai deslizar facilmente. não pense nisso. sente-se, senhor silva, sente-se e tome um café. se quiser, está ali uma máquina nova que tira cafés e não são nada mal tirados. este hospital está feito com os pés. como é que se arranja um parque para os carros que se transforma numa piscina com o temporal. ui, isto já foi feito há muito. estava bom era para ser mandado abaixo. havia de ir tudo abaixo e começar-se outra vez com outra vergonha na cara.

sentei-me procurando distanciar-me. perder-me por dentro da cabeça a ver se a realidade virava outra coisa. não ali, não com aquele homem nem com aquela chuva prestes a levar-me o carro. a laura rir-se-ia de mim, sem dúvida. do modo como eu me deixava perder sem ela ao pé. precisas de uma mãe, dizia-me. eu queria pouco saber se aos oitenta e quatro anos via a minha própria mulher como a mãe necessária para uma sobrevivência equilibrada. era certo que me atrapalhavam todas as coisas que enfrentava sozinho. já há tanto estávamos no tempo da reforma, tão habituados a depender um do outro para o gasto dos dias, a alegria dos dias, e a gestão ainda de uma certa nostalgia dos filhos. ela não gostava muito que eu o pensasse, e menos ainda que o dissesse, mas era-me claro que já não mandávamos nos filhos, crescidos e independentes, fazendo

isso com que parte dos nossos papéis ficassem vazios. era como morrer para determinadas coisas. restava apenas uma nostalgia, que poderia ser mais doce, se era certo que os nossos filhos estavam vivos e seguiam as suas vidas como era de ser. mas a laura queria acreditar que eles ainda acatavam o que lhes dizia. acreditava que se impressionavam com a sua sabedoria e, respeitosamente, cumpriam cada conselho e chamavam-lhe conselho para não se humilharem com a ideia de se submeterem às ordens da mãe. eu ria-me, uma e outra vez, dizendo que era a mais pura ilusão a de a laura ordenar o que quer que fosse aos nossos miúdos já grandes. se eles se iam calando, e lhe beijavam a testa à saída de uma visita a casa, era porque a viam, e a mim também, claramente, como uma tonta amorosa, cheia de defeitos nas ideias, mas amorosa, tão equivocada e falível, mas amorosa, já velhinha e sem préstimo para ser refutada ou reeducada de alguma melhor forma, mas sempre amorosa. a laura zangava-se, tomava um chá e calava-se como quem respondia à altura, exigindo o seu lugar de grande dama, sábia pela dedicação de sempre e pela generosidade e glória da idade. tornava-se engraçada. apertava os lábios numa tremura ligeira e não queria conversas. eu ia tomar chá sozinho, adorando as nossas brigas de namorados. tão imaturos quanto os mais jovens. tão feitos um para o outro quanto possível. já conhecedores do caminho das pedras que, ao fim de uma ou duas horas, nos levaria novamente ao coração um do outro com mimos e promessas de eterno amor.

o senhor silva, o da europa, olhou-me quieto. tinha parado de preencher formulários e estava como embevecido diante do meu ar sonhador. desculpe-me, senhor silva,

disse-me ele a mim, é que aos oitenta e quatro anos já não é comum ouvir um marido falar assim da sua esposa. eu sei que é comum que se tornem os homens mais vulneráveis, já medricas e mijões, mas consigo é diferente, não é igual, sabe, não é. e eu respondi que entendia perfeitamente o que me dizia. ele inclinou-se para onde eu estava e acrescentou, grave e ponderado, é mais do que um bom homem, é alguém superior porque soube ganhar idade da melhor maneira, retribuindo. sim, sim, não me venha dizer outra coisa, porque uma paixão nessa idade, e depois de tanto tempo juntos, é coisa de quem sabe dar. naquele momento, o céu partindo vidros ou não, aquele homem tão chato tornou-se diferente. talvez tivesse sido por ter dito fugazmente o nome da minha laura, usando-o para me congratular por alguma heroica qualidade amorosa. e o amor é para heróis. o amor é para heróis. talvez tivesse sido apenas do adiantado da hora, já três da manhã, e daquele inferno para lá dos vidros. o homem pareceu-me assustadoramente lúcido, ao contrário de estúpido, como têm os loucos, por vezes, as mais concretas e proveitosas visões. calei-me um segundo. sorri. perguntei-lhe o que achava de nós, os silvas, quando já velhos queríamos as nossas mulheres como mães e nos arranjavamos todos espertos para, em tanta coisa, viver uma nova infância. ele arregalou os olhos, com certeza percebendo que, por fim, conseguira comigo a possibilidade de fazer um amigo. não respondeu de imediato. não respondeu de modo algum. do corredor silencioso, por onde tantas horas antes me haviam levado a laura, veio uma enfermeira calma de morte. eu nem sequer ali devia estar, mas que vantagem teria em passar a noite em algum outro lugar. que vantagem existia, na verdade, em não ter morrido

também. coleí o rosto ao vidro. o meu carro estava mesmamente parado, afinal o parque conseguia escoar a água com uma capacidade admirável. tudo não passara de um medo demasiado pelas coisas mais naturais da vida. e, naquele momento, a chuva nem sequer se intensificara, nem trovoava, nem coisa nenhuma maior ou mais esdrúxula que quisesse significar que me conhecia. e eu chegara o rosto ao vidro exactamente para que me levassem, para que desfizessem o meu corpo ou, ao menos, a minha consciência. a chuva, senhor silva, disse-me o outro homem, não lhe pode trazer a dona laura de volta. mas posso dizer-lhe eu que muito bela há de ser a alma de quem parte no momento em que o amado expõe o seu amor desta maneira. não entendi imediatamente o que quis dizer com aquilo. tombei no chão e, por um tempo, a consciência foi-se e eu pude ser ninguém, como as coisas deviam ser sempre nestas alturas. só depois gritei, imediatamente sem fôlego, porque aquela teoria de que existe oxigénio e usamos os pulmões e fica feito também não é cem por cento verdade. entrei em convulsões no chão e as mãos do homem e da mulher que ali me assistiam eram exactamente iguais às bocas dentadas de um bicho que me vinha devorar e que entrava por todos os lados do meu ser. fui atacado pelo horror como se o horror fosse material e ali tivesse vindo exclusivamente para mim.

capítulo dois

a brancura é um estágio para a desintegração final

abraçei o corpo da minha mulher, segurei-lhe a mão, a sua cabeça no meu ombro. criei um pequeno embalo, como para adormecê-la, ou como se faz a quem chora e queremos confortar. vai ficar tudo bem, vai correr tudo bem. o que era impossível, e o impossível não melhora, não se corrige. estávamos encostados à parede, sob o cortinado, como fazíamos na juventude para os beijos e para as partilhas tolas de enamorados. estávamos escondidos de todos, eu e a minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através dos seus olhos. a minha necessidade vital de respirar através do seu sorriso. eu e a minha mulher morta que se demitia de continuar a justificar-me a vida e que, abraçando-me como podia, entregava-me tudo de uma só vez. e eu, incrível, deixava tudo de uma só vez ao cuidado nenhum do medo e recomeçava a gritar.

com a morte, também o amor devia acabar. acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir. pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade. e não é compreensível que assim aconteça. com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser

erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder. foi como se me dissessem, senhor silva, vamos levar-lhe os braços e as pernas, vamos levar-lhe os olhos e perderá a voz, talvez lhe deixemos os pulmões, mas teremos de levar o coração, e lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante. caí sobre a cama e julguei que fui caindo por horas, rostos e mais rostos colocando-se diante de mim, e eu por ali abaixo, caindo, sem saber de nada. quando, por fim, me levantei, estava a anos-luz do homem que reconheceria, e aprender a sobreviver aos dias foi como aceitar morrer devagar, violentamente devagar, à revelia de tudo quanto me pareceria menos cruel. e a natureza, se do meu coração não se esvaziou o amor pela laura, estaria numa aniquilação imediata para mim também, poupando-me à miséria de ver o sol que arde sem respeito por qualquer tragédia.

fica-se muito zangado como pessoa. não se criem dúvidas acerca disso. fica-se zangado e deseja-se aos outros pouco bem, e o mal que lhes pode acontecer é-nos indiferente ou, mais sinceramente, até nos reconforta, isso sim, como um abraço de embalo, para que não se ponham por aí a arder como o sol e, sobretudo, não nos falem com uma alegriazinha ingênua, de tempo contado, e nos façam perceber o quanto éramos também ingênuos e nunca nos preparáramos para a derrocada de todas as coisas. nunca nos preparamos para a realidade. passamos a ser cidadãos terrivelmente antipáticos, mesmo que façamos uma gestão inteligente desse desprezo que alimentamos crescendo. e só não nos tornamos perigosos porque envelhecer é tornarmos-nos vulneráveis e nada valentes, pelo que enlouquecemos um

bocado e somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele imprestáveis que já não servem para nos impor verticalidade nem nas mais pequenas batalhas. como faria falta ferrarmos toda a gente e vingarmo-nos do mundo por manter as primaveras e a subitamente estúpida variedade das espécies e as manifestações do mar e a expectativa do calor e a extensão dos campos e as putas das flores e das arvorezinhas cheias de passarinhos cantantes aos quais devíamos torcer o pescoço para nunca mais interferirem com as nossas feridas profundas. que se fodam. que se fodam os discursos de falsa preocupação dessa gente que sorri diante de nós mas que pensa que é assim mesmo, afinal, estamos velhos e temos de morrer, um primeiro e o outro depois e está tudo muito bem. sorriem, umas palmadinhas nas costas, devagar que é velhinho, e depois vão-se embora para casa a esquecerem as coisas mais aborrecidas dos dias. onde ficamos nós, os velhinhos, uma gelatina de carne a amargar como para lá dos prazos. que ódio tão profundo nos nasce. como incrivelmente nos nasce alguma coisa num tempo que já supúnhamos tão estéril.

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. e um médico respondeu, a verdade é que ficam mais calmos. achei que era esperado de mim um desespero motor. digo

motor para dizer de acção. algo como partir coisas, revirar os móveis, agredir fisicamente os funcionários, os enfermeiros que me poderiam prender. o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício. pus-me a olhar para o chão, com ar de entregue. estou entregue, pensei. aos meus pés os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso é, de facto, igual à de uma criança. o choque de se ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reacção. se aquela enfermeira pudesse acabar com aquele sorriso, ao menos acabar com aquele sorriso, seria mais fácil para mim entender que os meus sentimentos valiam algo e que sofrer pela laura não vinha de uma lonjura alienígena, não era uma estupidez e, menos ainda, vinha de um crime para clausura e tudo. e ela sorria e eu poderia desejar-lhe, com tanto desprezo, o pior mal do mundo. que lhe arrancassem os braços e as pernas, pensava eu, tirem-lhe os olhos e façam-na perder a voz e chamem-lhe cabra porque é o que ela merece. senhor silva, com esta mantinha vai ficar quentinho à noite. ainda aqui vai ter muitos sonhos bonitos, vai ver.

fiquei um pouco quieto. perguntaram-me se eu queria imediatamente arrumar as roupas nos cabides diante de mim, eu acenei negativamente com a cabeça. deixaram-me à vontade. disseram que era bom que me dessem uns minutos para sentir o quarto, ganhar corpo naquele espaço, ir à janela e perceber que a vista não é grande mas existe um jardim, uma pequena praça e, como era verão a começar, algumas pessoas paravam por ali e havia ainda os tais pássaros e até as criancinhas podiam brincar com as suas

bicicletas nas imediações. os quartos da ala esquerda deitam sobre o cemitério. o médico olhava para o chão e fazia ar de quem não via nisso mal algum. e voltava a dizer, deitam sobre o cemitério, é verdade, mas são ocupados pelos nossos utentes que, infelizmente, já não se podem levantar. eu levantei-me, fui perceber que jardim era esse onde as crianças, as milagrosas crianças, poderiam brincar. e tive a certeza de que, mais tarde, quando o corpo me traísse por completo, haveria de estar acamado e mudado para um daqueles quartos com vista para o cemitério, que era o caminho. ficaria deitado dia e noite, a ver pela janela que o céu clareava e escurecia sobre a terra abrindo já as mandíbulas que me haveriam de tragar.

depois, lá retirei as roupas dos sacos e as fui pendurando como me apeteceu. os gestos mecânicos, sem energia alguma, faziam aparecer as camisas alinhadas umas atrás das outras no armário e alguém, de quando em quando, espreitava pela porta para achar que eu estava a portar-me muito bem. a elisa ainda estaria no lar, talvez a reconfortar-se com o médico pela decisão difícil de deixar ali o pai, e eu sabia que voltaria para se despedir, com um beijo em tudo traidor, e seguiria com a sua vida chorando na viagem de regresso a casa. eu tinha já toda a roupa pendurada num arrumo impecável quando ela entrou. houve um descanso no seu medo ao ver-me sossegado como pude naquela brancura do quarto. entrou, beijou-me a face e disse-me que ali eu ficaria bem. vai gostar de aqui estar, com novos amigos, pessoas que lhe farão companhia todo o dia. eu quis que ela pensasse que assim seria tudo melhor, segundo o seu desejo, porque por uma filha nos falta o ódio como deve ser. aceitei o beijo e senti-a afastar-se metro a

metro, como se entre o seu e o meu corpo existisse um cordão que rebentaria quando esticado de mais. senti-a deixar-me ali, correndo para os braços do seu marido e dos meus netos, onde a vida era feita das coisas de sempre. e com cores nas paredes, pensava eu. no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença. sentimo-nos cegos. qualquer mancha ou imperfeição na planura do estuque já é uma exceção que aprendemos a observar e nos ajuda a quebrar o mesmismo abundante em nosso redor. um dia, havemos de esboroar-nos na luz. esta brancura é um estágio para a desintegração final.

disseram-me que o jantar seria dali a três horas e que, até lá, poderia descansar ou descer para conhecer os colegas que, como eu, caminhavam para o pó com maior ou menor ansiedade. decidi ficar sozinho, incapaz ainda de enfrentar o meu problema multiplicado por todos os lados. deitei-me sobre a colcha e julguei que talvez devesse exteriorizar a raiva que aumentava dentro de mim. aquele desespero motor, como dizia, absolutamente físico, talvez devesse dominar-me de uma vez por todas para mostrar que a idade ainda não me tirara o sangue. fui comprimindo as mãos numa ínfima força que não serviria para grande estrago se aplicada de encontro aos outros ou às coisas, era só como se por ali ligasse e desligasse um interruptor para a iniciativa. fui ficando. o silêncio profundo era entorpecedor, como se nos adormecesse. não estaria particularmente ensonado, mas o higiénico do ambiente coloca-nos atrás de uma tela e ficamos com a sensação de nos preservarmos apenas assistindo gravemente ao tempo. nesta brancura, pensei, só o tempo acontece, só o tempo passa. olhei para a figura da

nossa senhora de fátima e falei mudo, tenho pena de ti, metida à cabeceira dos tristes nos lugares mais tristes de todos e agora vens assistir-me, eu que nada tenho para te mostrar que valha o empenho de manteres incessantemente esses olhos azuis abertos, essas mãos postas no ar. talvez devesse despedaçar aquela estatueta. libertá-la da obrigação de estar ali com solenidades sagradas que, sem dúvida, cansariam o melhor dos espíritos. talvez devesse lembrá-los de que não sou um homem religioso e que a perda não me fez acreditar em fantasias.

desci para jantar porque me foram buscar. não me esqueceria, mas subitamente perdi qualquer ímpeto e não faria nada se não fosse obrigado ao contrário. quis descer pelas escadas largas, não estava ainda inválido para coisa nenhuma e seria um orgulho parvo mostrar-lhes isso, mas era importante que o soubessem. talvez pudesse ser modo de dizer que os meus filhos se haviam antecipado no tempo de me arquivarem àqueles cuidados. talvez fosse só o medo de ver os outros, já mais velhos e acabados do que eu, e não querer imediatamente fazer parte daquilo. estou de visita, poderia pensar, mesmo que não tivesse esperança alguma de voltar a sair de tal lugar.

quando o doutor bernardo me viu instigou alguns hóspedes a aplaudirem a minha chegada. fui assim recebido ainda não estava nos últimos degraus da escada. quem pôde, levantou-se e sorriu. não soube como agradecer e se era de agradecer tal coisa. entrava daquele modo no ciclo dos últimos, ali regozijando por saberem que não estavam sozinhos e que alguém mais sofria o mesmo. inclinei a cabeça e não olhei demasiado. segui para o salão das refeições e procurei na mesa mais escondida um lugar para

me sentar com toda a rapidez possível. alguns não deixaram que assim fosse sem mais nada. foram ao pé de mim procurando-me a mão e cumprimentando-me. como a refeição já se servia, eram mandados para os seus lugares sem tempo para descortinarem sobre as suas vidas, apresentando-se muito brevemente e até arreliaados pela falta de autorização para continuarem. fiquei sentado com o doutor bernardo, posto diante de mim como um anjinho lavado acenando-me com nuvens de algodão doce e pássaros a espanar o vento. e eu sorri. senti-me um idiota por dentro, mas sorri. era da cultura, o estupor da cultura que nos mascara cada gesto.

naquele tempo, sem braços e sem pernas, sem olhos e perdendo a voz, absolutamente sem coração, eu não comunicava. era notório que entendia o que me diziam e poderia corresponder a alguns chamados com atenção e respeito, mas não se começavam grandes conversas porque eu não proferia palavra alguma. tinha a voz afundada no húmido dos órgãos e não havia modo de a secar ao cimo do hálito. no entanto, o que o senhor pereira me disse naquela primeira noite foi decisivo para o modo como vejo o lar até hoje. acercou-se de mim, soletrou o seu nome e deu-me as boas-vindas. depois apercebeu-se de que eu não verbalizava coisa alguma e entendeu. acrescentou que, por vezes, entravam uns assim. não queriam amizades mas, com o tempo, começavam a falar e a criar afecto pelos outros. depois, pela crueldade do meu silêncio, disse-me, nem deveríamos ficar contentes com a sua vinda, porque é o definitivo da morte da dona lurdes, que era uma boa senhora.

o lar não suporta mais do que setenta e três pessoas, e,

para que uma entre, outra tem de sair. a saída é dolorosa mas rápida. rodam-se alguns velhos pelos quartos fora. eventualmente um que esteja acamado vai para a ala esquerda, já muito vizinho dos mortos, e outro entrará de novo no quarto vago com vista para o jardim. é frequente que os que sobrevivem chorem diante das portas dos quartos, sabendo que no interior já não estão os anteriores inquilinos. é frequente que, nas primeiras semanas, alguém rejeite o novo residente, como se a urgência de este entrar operasse no cosmos uma pressa em tirar a vida ao outro, e é como se isso fosse culpável. eu era a prova da morte da dona lurdes que, na noite de são joão, morreu de susto com os foguetes da festa gritando, acudam, estão a deitar abaixo o portão da casa. os foliões do são joão correram pelo monte, para um lado e para o outro, e o lar ficava ali, bem ao centro da romaria, com os velhos a passarem palavra, a dona lurdinhas morreu, a enfermeira disse ao américo que a dona lurdinhas morreu, mas não nos deixam ir lá acima. os velhos juntaram-se aos poucos no salão e olhavam para as varandas interiores a toda a volta onde se dispunham as séries de portas e perguntavam-se se seria verdade que, por causa do estrondo louco dos foguetes, a dona lurdes se havia apavorado e não resistira. que morte de festa. que morte estúpida tivera a pobre da dona lurdes que eu substituí, a pensar que eram coisas do demónio os foguetes e a implodir de medo, que era também uma ansiedade muito grande por conhecer, enfim, como se morre.

eu era um intruso ainda no luto que faziam à pressa para se atemparem para os lutos que se seguiriam. era um intruso que não choraria pela dona lurdes, que não conheci, e não entendia ainda o quanto a minha posição podia ser

arrogante, sem querer falar, sem querer grandes contactos, e o quanto a posição deles era já a de iguais, ligados uns aos outros pelos destinos tão inevitáveis e equiparados que agora cumpriam. que paisagem de velhos tão nítida era aquela. pouco importava que o orgulho lhes trouxesse ao de cima o passado profissional, mais ou menos brilhante, mais verdadeiro ou mentiroso, porque muitos mentem sem pudor para não se deixarem humilhar, pouco importava tudo isso porque tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um conjunto de abandonados a descontar pó ao invés de areia na ampulheta do pouco tempo.

na primeira noite ali, muito maior o silêncio do que alguma vez experimentara na minha vida, não adormeci facilmente. voltei a comprimir as mãos, como a ligar e a desligar o maldito interruptor que haveria de me pôr de pé a partir todas as coisas ou haveria de me acalmar e adormecer. e eu julgava que seria o momento mais insuportável, aquele, ali numa cama de corpo e meio, tão absoluta a diferença de como dormira até quatro meses antes. e eu julgava que seria o momento mais insuportável, aquele, sem a laura para me dizer, este hotel está bem, a casa de banho é limpa e estamos muito perto da praia. o sol faz-te bem, antónio, ficarás melhor para enfrentar o inverno. era quase meia-noite, o sol já parara de me humilhar e eu ouvia aquelas palavras e pensava, estou perto da praia, a água aqui é tão fria, mas gostaria de mergulhar, entrar pelo mar adentro como se pela boca de um tubarão que me levasse de um trago de volta aos verões de sempre. porque o tempo me escapara e não o poderia admitir pacificamente. levantei a mão com toda a raiva e atirei ao chão o pequeno candeeiro pousado na mesinha ao meu lado.

o estrondo não trouxe ninguém. algumas vozes dos quartos ao lado resmungaram qualquer coisa, mas não seria nada, pois àquela hora da noite era obrigatório dormir e qualquer arrufo de mau feitio esperava pelas sete da manhã para ser repreendido.

o bom américo veio acordar-me para me encontrar já acordado e desculpou-me sem sermão a queda do candeeiro. entrou muito cuidadoso, abriu as portadas e deixou que a luz já abundante viesse destapar-me da noite. foi dizendo coisas simpáticas, que eu quis ignorar nos primeiros minutos. depois percebi uma delicadeza muito rara naquele jovem homem. uma sensibilidade tão grande que, mesmo não me conhecendo, podia resultar num carinho genuíno. eu sentei-me na cama e ele não esperou que eu respondesse à sua conversa. estaria avisado do meu mutismo casmurro e fez um monólogo imaginativo em que eu parecia responder-lhe, mas sem me diminuir à condição de débil mental ou ao tonto dos meus netos. dizia que era tempo para pôr tudo a mexer, que ali se faziam muitas coisas porque na utilidade estava a comunidade.

o américo não é habilitado por escola nenhuma senão pela do coração. estudou pela amizade e compaixão os modos de acudir aos outros. faz no lar o que fazem os enfermeiros também, mas com um acréscimo de entrega que não se exigiria. naquele primeiro contacto fiquei imediatamente convencido de que não poderia ser impostor com ele. com ele não. era muito simples a razão da minha decisão. na entrega daquele homem, logo ali, havia uma sublimação evidente que partiria de uma dor estrutural. procurei-lhe a expressão diversas vezes, percebi os seus olhos e tive a certeza de que, num momento mais avançado,

aquele homem sofreria por mim. trazia na cara um sorriso que nada tinha de ingénuo e não me ofenderia nunca. pus-me de pé e imediatamente comecei a obviar tudo para que pudesse descer para o pequeno almoço já banhado e bem vestido. as portas dos outros quartos começaram a abrir-se e todos apareceram espreguiçando-se e bocejando ainda a caminho dos elevadores que nos descem aos salões do rés do chão. eu escolhi novamente as escadas e não diria nada. de boca calada punha-me a jeito de não ser tão notado. queria que fizessem de conta que não estava ali, não pertencia ali. era só um ponto escuro nas paredes que haveria de ser limpo com a lixívia de uma qualquer limpeza.

capítulo três

o amor é uma estupidez intermitente mas universal

um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo o sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento. a inconsciência apaga as dores, claro, e apaga as alegrias, mas já não são muitas as alegrias e no resultado da conta é bem visto que a cabeça dos velhos se destitua da razão para que, tão de frente à morte, não entremos em pânico. a repreensão contínua passa por essa esperança imbecil de que amanhã estejamos mais espertos quando, pelas leis mais definidoras da vida, devemos só perder capacidades. a esperança que se deposita na criança tem de ser inversa à que se nos dirige. e quando eu fico bloqueado, tão irritado com isso sem dúvida, não é por estar imaturo e esperar vir a ser melhor, é por estar maduro de mais e ir como que apodrecendo, igual aos frutos. nós sabemos que erramos e sabemos que, na distração cada vez maior, na perda de reflexos e de agilidade mental, fazemos coisas sem saber e não as fazemos por estupidez. fazemos por descoordenação entre o que está certo e o que nos parece certo e até sabemos que isso de certo ou errado é muito relativo. é tudo mais forte do que nós.

foi ao fim de seis dias que disse a primeira palavra no lar, quando o senhor pereira estava ao pé do varandim

inclinado para o salão e espreitava à procura do américo. o senhor pereira inclinou-se absurdamente, galgando com o corpo a barreira e observando o extenso compartimento, preocupado apenas com aquele objectivo tão definido. ao sair do meu quarto percebi-o avançado em perigo pelo espaço vazio, quase tombando por ali abaixo, um andar inteiro. apressei os passos até assomar ao seu pé e gritei, cuidado. com o susto da minha voz ele endireitou-se para saber quem chamava assim a atenção de quem. olhou-me e sorriu. achou que seis dias eram mais do que suficientes para que eu acabasse com o meu amuo. chegou perto e voltou a cumprimentar-me, como se novamente nos apresentássemos, e congratulou-se com o fim da minha birra. foi pouco tempo, senhor silva, disse-me ele, eu estive quase três meses de bico calado, mas foi porque os meus filhos se portaram como uns estupores e só quiseram pôr a mão no meu dinheiro, que ainda por cima não abundava. pensei que estaria aqui a infernizar toda a gente até que me expulsassem, mas, quer ouvir, são profissionais e sabem que chegamos quase todos assim. eu não sorriria ainda. estava demasiado zangado para fazê-lo, e só abria a boca porque me parecia que ele se matava por distração. não lho disse, e ele não se sentiu assustado. desceu comigo as escadas e encontrámos o américo no pátio das traseiras, a contar a alguns velhos histórias engraçadas sobre gente que ele inventava. sentámo-nos também. o senhor pereira disse, o nosso amigo silva já fala, é mais inteligente do que eu. o américo interrompeu por uns segundos o seu discurso e sorriu muito cândido. podia ter-me pedido para dizer algo como se faz a um papagaio que subitamente sabemos ter artes. mas não o fez. acreditou que, por vontade própria, a

minha voz se faria escutar num momento mais pertinente. admirei a sua atitude, o controlo que impôs sobre a sua e a curiosidade dos outros. depois, assim que pareceu acabar as histórias, apreciámos todos o sol ameno da manhã e eu disse, obrigado pela ajuda com os sapatos, não entendi como foram parar àquele lugar debaixo da cama. a dona marta deu um salto na sua cadeira e soltou um risinho divertido sem dizer mais nada. os outros trocaram olhares e sorriram também. o américo respondeu, de nada, senhor silva, estamos aqui para isso. suportei os seus olhares complacentes. odiei-me. era diferente de os odiar a todos. odiei-me e não estava preparado para ser tão fraco, anuindo como uma pessoa de confiança, como alguém sem um plano de ataque, como quem desistira. e não era isso. não podia ser isso. estava só confuso, pensei então. era uma confusão. um impasse. como um caminho bifurcando-se antes do objectivo e eu na contingência de reiterar os meus intentos. ser implacável. continuar.

ao sétimo dia, o doutor bernardo pediu-me que passasse pelo seu consultório e perguntou-me como me sentia. disse-lhe que estava bem, que o lar correspondia a um grau de qualidade admirável e que eu estava bem. ele informou-me de que a elisa, o meu genro e os meus dois netos viriam visitar-me e quis saber se isso não me seria difícil. achei muito estranho que mo perguntasse. esperaria que nos primeiros tempos de uma experiência assim toda a proximidade da família com o idoso seria benéfica. contudo, encontrava-me ali na obrigação de lhe dizer que sim ou que não, e pensei o suficiente para trazer ao de cima o pior de mim. disse que não. que não estaria disposto a receber a minha família porque precisava de tempo para esquecer a

perda da laura e a necessidade de deixar a minha casa, não queria sentir que tudo prosseguia sem mim. ainda não. o doutor bernardo percebeu as tremuras nas minhas mãos, um nervosismo que se começava a descontrolar e respondeu, claro, senhor silva, não se preocupe. é compreensível. está a libertar-se de muita coisa e precisa de tempo, é perfeitamente normal. eu estava a libertar-me de tudo. tinha dois sacos de roupa e uma nossa senhora de fátima miserável e mais nada. estava livre de tudo, como era óbvio.

eu queria que a elisa e o meu genro se sentissem rejeitados como eu me sentia, claramente. se alguma memória má me traziam as suas presenças, era só a lamentável ideia de se terem empenhado, com fortunas e subornos, para que eu, num espaço de tempo recorde, fosse já um alívio nas suas vidas, atarefadas com o social mais volátil e oportunista. corri, no entanto, para a minha janela e disfarcei-me como pude atrás das portadas para vê-los em redor do carro à espera de ordens para uma ou outra coisa. eu disse ao doutor bernardo que estava num profundo choque e ele confirmou. vai ter de soltar a sua raiva, senhor silva, estamos aqui para ajudá-lo. a elisa deve ter ouvido tal desculpa e levou a mão à cara num gesto de alguma dor. vi-os partir. sentei-me numa cadeira pensando que talvez me quisessem visitar na semana seguinte, mais sete dias decorridos, e que talvez eu não resistisse mais sete dias sem os ver ou sem chorar.

estar para ali metido, naqueles primeiros tempos, era literalmente como se me quisessem matar e não tivessem coragem para optar por um método mais rápido. um método mais rápido que seria seguramente uma maior honestidade,

pensava eu. punham-me aqui e deixavam que me finasse segundo a segundo longe dos seus olhos. e eu nem entendia como não haveria de parar o coração só à força daquela tristeza, porque vivia dentro de um lugar imaginário onde pedia para morrer a qualquer bulício em meu redor. não tenho convicções na transcendência, e não foi a imagem da nossa senhora de fátima que me convenceu do contrário, como também não me convenceria de que morrendo iria parar aos braços da laura outra vez, a continuar eternamente a relação que tivemos durante quarenta e oito anos. morrer seria só a justiça de não me tornar uma imagem pálida do que fora. seria como corresponder a um padrão de vida emocional que não era justo que perdesse.

naqueles primeiros tempos eu não me acalmava com coisa alguma. ficava maligno por dentro a embater contra as paredes do meu cérebro. algo me impedia de reagir, uma qualquer educação, a memória da elegância da laura, o delicado toque da sua mão no meu cabelo como a dizer-me, antónio, tem calma, isto vai resolver-se. mas contra mim, interiormente, investia impiedosamente, como se lá dentro houvesse um precipício e eu me empurrasse exaustivamente à espera de poder tombar pelo seu esquecimento abaixo. e se fosse possível que me matasse só assim, pensava eu, aqui sentado entre velhos a perderem o juízo e sem sinal de alarme. seria decente que cada um de nós tivesse um dispositivo de expiração instantânea que nos pudesse anular para sempre da existência sem retorno nem remorso. eu segurava a mão do américo, na verdade, e ele deixava-se comigo um segundo mais e era como eu achava que as minhas forças se esgotavam. segurava na mão dele e era ínfimo o gesto mas tremenda a energia, julgava eu que

suficiente para, pela raiva tão grande, punir o imbecil do meu coração que permanecia batendo à revelia dos meus mais dilacerantes sentimentos. o américo depois largava-me a mão e dizia, não se preocupe, senhor silva, vai ficar bem. e eu aquietava-me e cansava-me que todos me dissessem tal coisa e eu quisesse urgentemente outra. não me digas isso rapaz, fala-me na morte, no fim de todas as horas, conta-me o que sabes sobre como sair daqui, sobre quem já foi, quem conseguiu descobrir como salvar-se de sofrer. fala-me dessas coisas, por piedade, rapaz, não me cures, não me digas que vou estar aqui amanhã, não quero estar em lugar nenhum amanhã, não entendes isso. e ele respondia-me, não chore assim, senhor silva, assusta-me. e eu chorava, tão transparente quanto aflito, e pedia-lhe que tivesse a piedade de me manter sentado, porque às vezes sentia que me levantaria num repente e, em pânico, magoaria quem me viesse à frente.

durante os meus pesadelos imaginava-me num dos quartos da ala esquerda a babar sobre os lençóis e a ver dezenas de abutres voarem no céu diante da janela. a máscara de oxigénio tapava-me a boca e eu não podia gritar. queria pedir que fechassem as portadas antes que os pássaros entrassem e me tomassem por morto. subitamente debicavam-me o corpo e eu ia permanecendo vivo e, até não ter corpo nenhum, a consciência não me abandonava. eu agoniava por achar que a morte não dependia do corpo, condenando-me a padecer daquela espera para todo o sempre. o estupor do corpo já desfeito e a morte sem o perceber, sem fazer o que lhe competia por uma crueldade perversa que eu nunca previra.

durante essas noites eu acordava várias vezes à procura

de entender onde estava e sentia o peito para me assegurar de que continuava inteiro. o estranho não era que o pesadelo me acordasse aterrorizado, era que acendendo o pequeno candeeiro a luz deitava-se sobre o quarto como um clarão intruso. era uma luz imprecisa que parecia necessitar de forçar o espaço a ser iluminado. numa das noites, no instante em que a luz se espalhou pelo quarto, tive a clara visão de as portadas estarem abertas e haver pássaros lá fora. vi os pássaros negros num segundo e, no segundo seguinte, as portadas já estavam fechadas não sendo possível observar o céu escuro da noite. fiz força para me levantar, mas a lentidão com que então já o fazia não me daria retorno de coisa alguma. a imagem havia desaparecido de diante dos meus olhos e não seria o levantar-me e colocar as mãos na madeira das portadas que me levaria atrás no tempo para reviver e compreender a experiência. fiquei de olhar vago à espera que o medo me deixasse respirar melhor. adormeceria depois, exausto e sem me aperceber do momento em que sucumbia.

o américo entrava, eu dizia-lhe bom dia e ele retribuía com as palavras simpáticas de sempre e, mais uma vez, mostrava-me a claridade exterior. e eu perguntava, essas portadas estavam bem fechadas, não estavam. e ele dizia, como sempre, senhor silva. senti alguma corrente de ar, estas janelas não abrem. eu respondia que não. não era isso. é o quê, perguntou ele. nada. tive a impressão de que ficaram apenas encostadas, as portadas, digo. mas não me fez diferença. foi só uma impressão. o que era mentira. uma horrível mentira para me deixar mais sozinho com os meus medos e alucinações crescentes.

era quarta-feira e passava o carteiro a trazer

correspondência que se distribuía pelos destinatários com alguma ansiedade. a primeira vez que vi a dona marta à espera de uma carta que nunca chegaria foi no dia em que julguei ouvir chamarem o meu nome. entristeceram-se por mim porque acharam que eu revelara uma necessidade em saber notícias dos meus filhos que, afinal, não me procuravam. não foi o caso. foi porque ouvi o meu nome e dei uns passos em frente e só então compreendi que me confundira. com aquilo, apercebi-me da expressão ávida da dona marta, parada diante do américo como se aguardasse por uma refeição pela qual esfaimasse. os outros velhos afastavam-se dela e alguns abanavam a cabeça com algum pesar. mas já ninguém lhe dizia nada. deixavam-na ficar até que a última carta fosse entregue e o américo dissesse, dona marta, não tenho mais nada, vamos todos descansar um pouco, venha comigo. e ela saiu de debaixo do braço dele sem também proferir palavra, apenas magoada por não saber do marido havia mais de dois anos. sentei-me com o senhor pereira e ele explicou-me que a dona marta era casada com um homem doze anos mais novo e que a ida dela para o lar abria caminho para que ele lhe tomasse a administração dos bens e os gozasse sem se preocupar com voltar. ela ficava ali perante o américo como ainda uma noiva. a cometer o erro de acreditar no marido uma e outra vez. porque acreditava, mesmo ao fim de dois anos sem uma linha, que ele voltaria com uma desculpa de mérito, ainda precisando do carinho dela e feliz pelo reencontro. assim é o amor, uma estupidez intermitente mas universal. toca a todos. o senhor pereira entristecia-se e eu ficava egoísta achando que a minha desgraça era bem maior. descansávamos no pátio e eu adormecia para compensar as

noites mal dormidas tão dentadas pelos pesadelos.

eram três da manhã e os abutres já haviam disseminado o meu corpo pelos seus estômagos azedos. acendi o candeeiro e limpei o suor da minha cabeça. acedi ao corredor e não hesitei. no quarto dezasseis dormia a dona marta, a mesma de sempre, magoada e triste, velha e um pouco histérica para suportar o abandono e a morte. não queria assustá-la. eram três da manhã, isso é importante não esquecer, e eu já não tinha corpo porque os abutres mo haviam comido e estava no corredor sabendo perfeitamente qual o quarto da mulher. abri a porta e sentei-me ao seu lado, apenas a luz de presença que vinha lá de fora me fazia notar o alto sob as mantas onde a respiração pesada da dona marta se escutava. não devia estar ali, tão tarde e assustadoramente sem motivo, mas eu achava que seria menos que uma pluma, sem corpo, sem nada senão uma urgência qualquer. eu achava que o vazio de pensamento, aquela ilusão, acabaria por explicar-se, como se o tempo de um impasse, só por si, levasse ao seu desenlace. um impasse não pode durar a vida inteira, talvez pensasse. alguma coisa teria o efeito de aclarar o meu gesto, justificando-o, tornando-o normal, aceitável. foi como ela me pressentiu e, no quase ressonar contínuo, abriu uma pausa para me fitar. eram brilhantes aqueles olhos apavorados no escuro, definindo perfeitamente as minhas feições e reconhecendo-me. eu podia não ter dito nada e simplesmente ter voltado ao meu quarto. eu devia ter voltado ao meu quarto sem qualquer tentativa de me explicar, porque estava sem corpo e não havia explicação nenhuma para aquilo, mas não me deu tempo para lhe falar dos abutres. já estava eu levantado a dar um passo em direcção à dona marta, um passo mais

cerca da sua cabeça, quando ela se descobriu um palmo e disse, sai daqui demônio. e eu respondi-lhe, vinha falar-lhe do amor. ela soltou um guincho abafado. um som aflito que entrou para debaixo das mantas com que escondeu o rosto e desatou a dizer algo que eu não podia entender. estava a perder o sentido e a entrar em pânico. afundava-se como podia nos cobertores e ia pedindo socorro quase mudamente mas aumentando de intensidade. eu tinha de fazer alguma coisa. repetia aquele apelo louco, venho falar-lhe do amor, preciso de lhe falar do amor, da minha mulher, de como fiquei sozinho e me quero ir embora. e ela gemia sempre, gritando sob os cobertores coisas abafadas que ficavam em surdina e serviam para me deixar confuso e com medo. parecia que o impasse se adensava pelo lado mais impossível de resolver. como se viesse a ser mais complexo, mais exigente para com a minha dificuldade em pensar, em estar certo de que existia justiça naquele meu desespero de a procurar e querer trazer do silêncio uma pacificação. e sem saber o que fazer, fiz o pior. bati-lhe três vezes com a mão através dos cobertores. três pancadas fortes que se amorteceram na espessura das roupas da cama, e que foram suficientes para que ela ficasse imóvel. petrificada com a agressão. o silêncio foi profundo de seguida, como casmurramente recusando-se a permitir um diálogo satisfatório. o silêncio tombou sobre nós como pedra sepultando para sempre a oportunidade de nos entendermos. não havia ninguém acordado, não estava ninguém no corredor nem na parte visível do salão lá em baixo. não comecei logo a perder o fôlego. regresssei ao meu quarto, sentei-me na cama e aí os pulmões começaram a disparar como se fossem de navio a afundar e eu pensava no

ar, nas nuvens, pensava em cair de sobre as nuvens como vomitado aos milhares pelos pássaros negros que me haviam enganado. os pulmões afundavam, como um navio partindo para um labirinto. e eu afogarei, pensei eu, afogarei pelo amor, pelo amor, neste labirinto.

de manhã, o américo veio abrir as portadas e mostrava-se de semblante carregado. disse-lhe bom dia, desentorpecí as pernas, procurei as horas no relógio sobre a mesinha. ele calava-se mais do que era costume. perguntei se alguma coisa estava errada. disse-me que a dona marta tinha passado mal a noite. estendi novamente as pernas. senti o fresco dos lençóis nos meus pés grandes e não me lembrei, nem mesmo vagamente, de me ter levantado às três da manhã. naquele momento, cheguei a dizer, pobre coitada, se tivesse pedido ajuda eu teria ouvido. dormi muito mal e até acordei várias vezes. o américo sorriu e respondeu que o doutor bernardo já a tinha levado para o hospital. não podíamos fazer mais do que esperar para saber o que se passara. no salão dizia-se que tivera um ataque de coração pequenino. era o que diziam uns aos outros, como se o coração fosse pequenino e tivesse por ali guardado um maior, um grande que não estivesse a usar por algum motivo. e eu, ingenuamente, voltava a perguntar, mas isto já lhe aconteceu antes ou foi a primeira vez.

*image
not
available*

igual a meterem-se no obsoleto jardim zoológico e obedientemente não alimentarem os animais, porque lhes estragariam a dieta e os ajudariam a adoecer. a elisa disse que ficara triste por eu não os ter recebido em duas visitas anteriores. resmunguei qualquer coisa que não se percebeu. queria até inventar que fora por ter adormecido ou por me ocupar com alguma tarefa que mo tivesse impedido. mas eram todas desculpas idiotas. estávamos ali completamente desocupados e a visita de alguém, como era para os outros já mais habituados, significava sempre uma oportunidade de algum entusiasmo. sim, um entusiasmo que começava por ser só pela animação, pela diferença, e depois passava pelo interesseiro aspecto de nos poderem trazer alguma coisa que quiséssemos ter, até uma guloseima podia ser uma maravilha suficiente e, por último, lá mais para o fim das razões de entusiasmo, havia um ou outro velhote que gostava mesmo de rever os seus, apaziguados com as sortes e os azares e administrando as saudades e o amor com uma leveza que, para mim, parecia um paradoxo e uma falta grande de amor próprio, como mendigos. mendigos sobretudo de quem haviam sido.

fiquei na minha cadeira a fazer parte de velhinho cansado e eles mantiveram-se em continência durante todo o tempo. era sobretudo porque se sentiam confrangidos. sentiam vergonha pelo que me faziam, tenho a mais absoluta certeza de que tinham a consciência perfeita de que me faziam mal pondo-me ali e era essa consciência que tornava o seu acto inaceitável e merecedor de toda a reprovação. a elisa tentava arranjar assuntos pertinentes, ia dizendo coisas e mais coisas que aborreciam os miúdos e que não precisavam de respostas. depois apresentou-me as

saudações do meu filho e os votos para que tudo me corresse bem. desde que o meu filho partiu para a grécia, metido lá para atenas a dar aulas numa universidade, subiu-lhe à cabeça um certo estatuto antigo. ficou de filosofia cara e não o vi nunca mais. tinham passado seguramente três anos sem que ele viesse a portugal e, depois de ter escolhido não vir ao funeral da mãe, era um filho sepultado para mim. o desrespeito pela laura era insuportável e eu não aceitaria nunca que um filho nosso poupasse umas quantas moedas num momento como aquele. ele terá instruído a elisa para as coisas do meu internamento num lar e ficou assim tranquilo para sempre. cumprira a sua parte. eu respondi, se lhe falares, diz-lhe que está tudo muito bem e que vamos morrendo devagar, mais devagar do que parece. o meu genro retorquiou, não diga isso. e eu respondi, queres que diga o quê. os meus netos remexeram-se, certamente nada habituados a ver o bonacheirão do avô zangado. eu não os quis encarar. senti também alguma vergonha, são só umas crianças, pensei. mas depois lembrei-me de que estão ambos crescidos, metidos em estudos superiores e a namorar e tarda nada casam para ter os seus próprios problemas de adultos por inteiro. e assim abri a boca e acrescentei, dizes ao teu irmão que é um porco, e que das poucas coisas que me dariam gozo nesta vida uma era desfazê-lo à paulada até lhe arrancar a cabeça. dava-lhe tantas naquele focinho que havia de lhe arrancar os lábios, para nunca mais ninguém lhe dizer que tem a boca da mãe, porque ele não tem o direito de ficar com rigorosamente nada da mãe. ouviste, elisa. ouviste. dizes ao teu irmão que se mate, mas que nunca se atreva a aparecer-me aqui. os meus netos apertaram-se. saíram devagar da nossa beira. a

miúda seguramente para chorar. e eu gritei, vão-se embora. vão-se embora daqui todos. o américo veio acudir-me e, mais uma vez, viu-me furioso atirando o candeeiro novamente ao chão e disposto a finalmente enlouquecer. estou aqui, senhor silva, eu estou aqui. não me deixes sozinho, rapaz, acho que estou a ser atacado, alguma coisa me ataca, querem fazer-me mal. acreditei que vinha gente desconhecida pelos meus ouvidos adentro, cabendo pelos meus ouvidos adentro. e o américo quase me abraçava, eu repetindo, estão a entrar pelo som, andam nas vozes das pessoas e depois não temos como impedir que nos invadam. e ele dizia, é só o medo, senhor silva, não é gente, é o medo que se põe com maneiras de o apanhar. não vamos deixar que isso aconteça.

e as visitas foram-se embora, naturalmente. devem ter levado as suas roupas bonitas a passear. era sábado e após tão grande produção aproveitariam para um passeio, um filme no cinema, um gelado ao pé da praia. e o senhor pereira dizia-me o mesmo, caro amigo silva, já tenho quatro anos disto, e é sempre assim. os meus filhos são uns estupores, mas, digo-lhe, com as nossas idades e para aqui metidos, os filhos de toda a gente ficam uns estupores. sabe que não é fácil imaginar o que aqui vai. e a dona marta, se tivesse carregado na campainha talvez estivesse melhor. e nós é que o sabemos. que quem vive lá fora e tem saúde não fica à espera que uma coisa destas lhe aconteça. eu passei a mão direita pelas sobancelhas como a soltá-las da própria pele que estagnara. pensei que talvez uma daquelas noites os abutres me assustariam mais do que o costume e eu acordaria para vegetar como a dona marta, sem morte nem salvação. e o senhor pereira insistiu, foi um ataque que teve,

coitada, e a campainha estava caída para o chão, por isso não conseguiu chamar ninguém. ficou ali sozinha a noite inteira, é uma sorte que esteja viva.

não fiquei a sentir piedade alguma da minha filha. queria que se escorraçasse dali infeliz a perceber o quanto me era abominável o seu mundo todo organizado como um percurso de tarefas profissionais. e eu no meio, igual a ser preciso tratar da empregada de limpeza ou pagar as contas da luz ou, claro, saber se os miúdos estavam educadamente na escola. apenas mais uma tarefa. olhei para a nossa senhora de fátima e disse-lhe, mariazinha, havias de ser uma mulher de te pores a mexer e tudo e dávamos uma volta pelo jardim depois de enxotarmos aos pontapés as pombinhas. ri-me. fui procurar o senhor pereira e fizemos uma brincadeira juntos. arranjámos um pedaço de papel, um pouco de fita-cola e pusemos na estatueta da senhora de fátima um letreiro a dizer, mariazinha, rodeada de pombinhas. ficou perfeita, com aquele ar de parva aflita sem saber o que fazer. uma santa toda mãe de deus e não sabe nada, não faz nada, perde-se na mesma brancura das paredes em que nos perdemos todos. um embuste. havia de andar na limpeza. entrar com os baldes e as lixívias e trabalhar, que isso é que há de ser uma santidade de jeito, trabalhar. o senhor pereira, que até acreditava nuns quantos de santos e temia deus às vezes, divertiu-se, como a pecar num frenesi impossível de conter, para sentir, afinal, essa coisa da alma ainda viva. a alma viva, repetia eu, que burrice tão grande para nos enganar e pôr como carneirada a cumprir ordens e atender a medos. e não tem medo de nada, perguntou ele. tenho. tenho medo de ficar para aqui ainda mais sozinho do que estou. você não está só, homem, que

aqui somos muitos e sentimos todos exactamente aquilo que você sente, respondeu-me. e eu calei-me. não fosse ele perceber o que eu sentia, e como ainda seguia zangado, capaz de me rir do sofrimento de qualquer um, incluindo o dele.

pusemo-nos depois no pátio, a apanhar um sol intenso que parecia plantar em nós umas quantas fogueiras. subitamente o senhor pereira pôs um braço no ar e chamou para perto um indivíduo bem mais velho do que nós com quem eu nunca falara. esteves, chamou ele, esteves, anda aqui, vou contar-te uma coisa. o homem abançou ao nosso lado, disse boa tarde e sorriu. o senhor pereira continuou, pusemos um letreiro na estatueta aqui do amigo silva, na da nossa senhora, a dizer que se chama mariazinha, rodeada de pombinhas, é a santa das pombinhas. riram-se os dois como tolos. e repetiu, chama-se mariazinha, afinal é como uma boneca qualquer, diz aqui o senhor silva. e o outro disse, então e vocês agora brincam às bonecas. olha, brincamos com o que há, que já não é muito. e riam-se mais. depois calaram-se brevemente. ficámos novamente só a sentir as fogueiras que nos consolavam um bom bocado. entretanto, o tal esteves levantou-se, andou a rodopiar para trás e para diante, e depois foi refilar uma coisa qualquer com alguém, já lá para dentro no salão. nós não percebíamos a conversa, mas também não interessava. surpreendeu-me o senhor pereira que, como que se lembrando repentinamente, me perguntou, sabe quem é este esteves. torci os lábios com algum desinteresse e confirmação de ignorância. e ele disse, é o esteves sem metafísica, sim, o do fernando pessoa, é uma coisa do caraças. está a ver. e eu abri a boca de espanto inteiro. o que diz você, perguntei. ó homem, é verdade, é o

*image
not
available*

pequenina quando as situações eram maiores do que o seu pensamento e o seu coração não sabia como parar de sofrer. abracei-a e beijei-a. precisava ainda de mim aquela mulher de quarenta e nove anos. era ainda pequena, como acho que somos todos nós para as coisas mais tristes. o doutor bernardo deixou-nos sozinhos mas eu não quis mais conversar. quis só que ela ficasse com aquela espécie de breve perdão, o único que eu conseguia dar-lhe. era um perdão rápido e pequeno. como se também eu pudesse, num momento, usar um coração pequenino para sentir menos as coisas ou ser uma espécie qualquer de sovina. fazia-me lembrar de quando a elisa andava de balouço e pedia que a empurrássemos para ir mais veloz e mais alto. e eu fazia-o também divertido com ela. pois, naquele dia, aquele abraço e aquele beijo eram um só único empurrão. significava que queria que ainda vivesse com alguma alegria e fosse ainda mais alto. mas as forças não me permitiam continuar naquilo a tarde inteira. e ela saiu aquietada o suficiente para que eu julgasse, aí então, que depois viria o passeio, o cinema, o jantar descontraído num centro comercial qualquer onde se sentissem todos confortáveis e integrados, como era preciso. eu não poderia contribuir para um sofrimento demasiado grande da minha filha. e também a raiva que me aquecera contra o meu filho havia de ser em boa parte uma combustão exagerada de gestos que nunca teria. era da infelicidade tão grande e de estar tão magoado, tão perplexo com o que é uma família, afinal. eu fiquei com aquele dia atravessado no peito. cheio de ideias confusas que me punham ainda a proteger as minhas crias, mas só depois de as ter desprezado e atirado para os perigos que, instintivamente, acreditava eu, haveriam de os amadurecer

e fazer compreender o que seria certo ou errado no lugar que ocupavam entre mim e a laura. pobre laura, a que mais perdeu. perdeu até o direito de opinar, de se revoltar, de ser ela a gritar obrigando as crias a entenderem o erro que cometiam e o quanto isso estava para lá do nosso sonhado mundo. sonhar um mundo é correr riscos ainda maiores. é ser-se ambicioso perante o que já é impossível.

depois o doutor bernardo entrou e quis perceber alguma coisa, vício de psicólogo. mas eu pus-me a andar dali para fora. expliquei-lhe que descobrira o esteves sem metafísica e que não tinha ainda os pés no chão. essa história pode ser uma coisa da carochinha, comentou ele. acha, perguntei. não sei, mas pode ser. e eu respondi, isso é da inveja de não nos acontecer o mesmo. o doutor bernardo riu-se e acenou que sim. tem razão. quem não daria uma fortuna para estar num verso do fernando pessoa. pus-me dali para fora e achei que o esteves sem metafísica, com os seus quase cem anos, era a melhor senhora de fátima do lar. isso aliviou-me um não sei quê de sentimento que me poderia derrotar naquela tarde. a laura, se fosse viva, desmaiaria de emoção diante daquele homem. ela era assim, sem limites no deslumbre. a minha laura não sobrevivera para aquele dia, mas queria que eu o aproveitasse. foi a primeira vez que essa ideia encaixou na minha cabeça, decorridos quase cinco meses da sua morte. a minha laura queria o meu bem, queria que eu ficasse para ali encantado com aquela descoberta, sozinho, mas a fazer as vezes dos dois. como a descobrir para os dois algo que só eu tivera oportunidade de descobrir. vieram-me as lágrimas aos olhos. voltei atrás. encarei envergonhado o doutor bernardo. disse-lhe, eu gostava de visitar a campa da minha

mulher. ele não disse nada. mais tarde ou mais cedo todos nós voltaríamos à realidade, e aquele era o meu momento. eu queria ir ver o lugar onde ela estava e talvez desfazer-me em átomos por não o suportar. ou então, quem sabe, sentar-me numa coragem incrível e ficar ali um bocado a ver se alguma coisa na matéria que sobrava dela e de mim percebia que lhe queria dizer que andava por aqui um homem que conheceria o pessoa e que eu lhe iria falar dela, sim, da minha laura, e que a vida era só isto. é só isto, um novo modo de ter saudades, ou de lhes sobreviver.

mas não era verdade que fosse só. naquela noite houve um reboliço no lar. o feliz idade nunca tal coisa vira. no andar de cima, na ala dos já descerebrados, aqueles que não fazem nada, senão esperar a hora de se entornarem janela abaixo para o cemitério, houve um incêndio. um fogo rápido que parecia vir das paredes, bocas nas paredes a cuspirem pequenas chamas como água a ser deitada, e morreram três pessoas. eu não percebi nada. caí no sono fundamente e não acordei com o fogo. acordei depois. quando se confundiam as pessoas pelo corredor comentando sustos e alguns velhos choravam num medo contínuo. quando subitamente, numa fracção de segundo, o próprio esteves passou diante da minha porta dizendo, é uma tragédia, é uma tragédia. acordei assim, às quatro ou cinco da manhã, com a voz atormentada daquele homem anunciando uma tragédia. acudi ao corredor e era ver, para o lado esquerdo da casa, uma varanda acima, as paredes chamuscadas e ainda um fumo ali a embaçar o ar. tossíamos e não sabíamos se haveríamos de correr à rua ou voltar ao quarto. não foi um incêndio daqueles de comer tudo. foi um lume localizado, feito como de propósito só para tirar o ar àqueles que mais

tinham dificuldade em consegui-lo. o senhor pereira meteu-se no quarto comigo. dizia que o américo e o doutor bernardo, mais a enfermeira, estavam a mandar toda a gente para a cama para não se meterem em perigos, nem atrapalharem. e ele fechara a porta do seu quarto e viera para junto de mim com os olhos arregalados. dizia ele, já viu, senhor silva, você já viu. e eu não sabia se havia de confirmar ou não. ficava à espera que ele desenvolvesse. e ele repetia, não viu como fizeram isto. já aqui há uns anos foi a mesma coisa. é um crime. põem estes fumos nos quartos dos velhos. põem sim, que quando eu cheguei já aqui alguém me contara que o faziam. devem ter quem dê mais para entrar. têm de despachar estes velhos. tome tento no que lhe digo, eles têm de despachar estes velhos para meterem aqui outros com maior pagamento. muitos destes velhos perdem as fortunas e ficam abandonados, não vai ser por caridade que alguém lhes enfia os tubos para respirarem e lhes muda os lençóis. calámo-nos. alguém andava no corredor. parecíamos putos nos livros de aventuras em colégios internos. tínhamos um crime em mãos, mas não podíamos confiar em ninguém. que absurdo. e eu ainda disse, senhor pereira, você ainda tem menos juízo do que eu. e ele abanava a cabeça negativamente e respondia, não seja tolo, senhor silva, não seja tolo, que eles aqui ficam todos à espera que não pensemos, mas se deixarmos de pensar estamos enterrados.

*image
not
available*

“Fique descansada, sou de Valongo.”

“E já não há polícia mais perto? Têm de ir buscar-vos tão longe? Será que estamos para aqui tão abandonados?”

Durante décadas, enquanto Isaltino discutia no gabinete do seu chefe as estratégias dos casos que investigavam, via um poster de Cubillas exactamente igual àquele, colado na parede com pedacinhos de fita-cola, acusando inúmeros rasgões, já sem pontas, cheio de vincos de mil dobras diferentes motivadas por arquivamentos esquecidos no tempo e com manchas de fumo, deixadas ali pelos charutos da praxe do inspector. No gabinete de Jaime Ramos ficava o poster como uma pele a amolecer, flácida e tão inglória de qualquer peruano que fosse, mais ainda daquele simpático e sorridente que infinitamente se punha ali a gostar do Porto e de Portugal. O melhor jogador sul-americano de 1972, melhor do que o Pelé. Isaltino de Jesus, o prudente polícia, pensava que talvez nem fosse bom que o seu chefe entrasse ali. Sentir-se-ia tão sujo quanto ele próprio se sentia, como incapaz de preservar o brio de outro tempo, metido pela idade adentro como por desleixo, quase uma incompetência no cuidado com as glórias amadas da juventude. Que estranha sensação aquela, a de entrar num lar de terceira idade para descobrir uma juventude no Cubillas que na judiciária não se conservara. E a dona Leopoldina disse:

“Esse inspector nunca mais vem?”

“A senhora não tenha pressa”, respondeu-lhe Isaltino, “para o que aqui há a inspectar estou cá eu e sei o que faço. Não se assuste.”

“Não estou assustada. Mas talvez ajudasse que olhasse para o chão, é onde está a poça de sangue e nas paredes nada, não há nada.”

*image
not
available*

senhor está a dizer que...”

“Eu não disse nada disso. Quero é poder observar em paz esta pista e não há modos de se fazer sossego neste quarto. Importam-se de sair os dois? Isto é trabalho para um profissional.”

“Eu vinha só trazer cá acima o inspector. Sim, outro, o senhor Jaime Ramos. Pode entrar. O senhor faça o favor de entrar. É o inspector Jaime Ramos, não sei se já se conhecem.”

“Trabalhamos juntos.”

Quando Jaime Ramos entra no pequeno quarto o seu olhar dirige-se magneticamente para o poster do peruano sorridente emoldurado a luxo. Era terrivelmente a versão eternamente jovem do poster que tinha no gabinete a apodrecer a passos largos. Era a prova gritante de que um dia todos eles haviam sido jovens, magros, ágeis e sobretudo esperançados num futuro melhor e, eventualmente, tinham estragado tudo.

“Tínhamos este gajo a sorrir para nós. Lembras-te? Quando foi a última vez que percebi que ele sorria assim?”, perguntou Jaime Ramos.

“Ó chefe, mande a senhora lá para fora que ela não colabora muito.”

“Vamos embora, Américo, estes benfiquistas já me estão a enervar”, disse a dona Leopoldina a empurrar o funcionário surpreso.

“Não me diga que lhe meteu que éramos benfiquistas, homem! Estas bocas têm limites”, irritou-se o inspector.

“Nada disso. É a velha que é maluca. Não funciona. Estou para aqui há um ror de tempo e não se cala, só diz disparates. E é fanática. É uma fanática à moda antiga.”

Ficaram ambos os homens ali metidos, ajoelhados os dois, a tentarem descobrir na mancha de sangue uma forma que comunicasse. Espetavam ali os olhos a tirar ideias palermas da cabeça. Esperavam da mancha de sangue uma revelação, como quando se vê um coelho nas nuvens, uma casa, a cara de alguém, o mapa de Portugal. Subitamente, o inspector Jaime Ramos pôs-se de pé e rematou:

“Isto não é nada. Caramba, está tudo queimado lá para cima, temos três mortos em que pensar e isto é só um arranhão que alguém aí teve. Vamos embora, estamos a perder tempo.”

Subiram os olhos novamente à parede e refilaram em coro uns amuos diversos como se envergonhados perante os olhos frescos do jogador. Naquele poster estavam ainda delineados com precisão os olhos incisivos daquele peruano moreno com ar de quem tinha tudo na vida. Com ar de quem nunca perdera.

A dona Leopoldina soube que podia recuperar o seu quarto e abanou-se toda como dona do seu nariz a fazer valer os seus direitos. Foi espreitar a ver se não lhe tinham feito mal ao Cubillas. Fitou o peruano e andou por ali a apreciar-lhe as feições como se ele lhe pudesse acusar o que os dois polícias ali haviam feito e sobre o que tinham conversado. Não era para alcançar resposta alguma, era só para que ficasse com a certeza de que os dois estupores benfiquistas não tinham atentado contra as suas paixões. Pôs a mão no peito. Sentou-se na cama e sorriu. A dona Leopoldina não percebia nada de futebol e não distinguiria um jogador de outro, mesmo que um fosse portista e outro benfiquista. A dona Leopoldina sorria porque se lembrava do dia 8 de Março de 1974, quando chegava a casa numa noite já

tarde, e um homem num carro bonito passou tão perto. Era um jovem, sim, já ela mais velha do que ele uns quinze ou vinte anos. Mas ele estaria desastinado de força naquela noite, como um bruto animal a precisar de magoar ou ser magoado. Meteu conversa com ela e esta disse-lhe incrivelmente que era solteira, virgem, que sonhava com um homem desde pequena e que vira o tempo correr sem que brotasse do desejo um corpo tangível, ninguém. Teofilo Cubillas subiu com a solitária mulher as escadas estreitas de uma casa grande. Passou ali umas horas em que, além do sexo, lhe falou num português esquisito sobre como era vir do Peru para um país chamado Portugal sem que nenhum dos dois suspeitasse o fim da ditadura por ali tão perto. Ela lembrava-se de lhe dizer que seria excelente a democracia, ainda que viesse só para os homens. Era uma ideia razoável de quem fora sempre mulher e nunca percebera o mundo longe dos desígnios falocráticos de uma sociedade tão musculada. Perceberia ela depois, quando na televisão mostraram o rosto do homem, que ele era um grande jogador. E que não podia ser um equívoco ter estado na sua cama. Ele não lhe dissera o que fazia e inventara outro nome, Pablo. Dissera que se chamava Pablo qualquer coisa. Mas era o peruano sorridente o homem com quem a dona Leopoldina estivera, sem cobranças, sem vergonha, com uma ansiedade dolorosa de perder a candura de menina. E ele dizia:

“Faço anos.”

“E a prenda é minha.”

No lar da Feliz Idade toda a gente desconfiava saber por que razão a dona Leopoldina emoldurara aquele poster e o tinha ali pendurado como relíquia de uma vida. E ela gritava:

“Viva o Porto”, e era mais do que suficiente para que a tivessem como uma fanática tonta e já senil. Era a velhice aplicada àquela particular tolice e mais nada.

No corredor, todos espreitando portas a abrir e fechar, algo a medo, passavam vezes sem conta os policiais. Jaime Ramos e Isaltino de Jesus e mais uns quantos que vinham de todos os lados e andavam à procura de algo que justificasse serem tantos, como se a quantidade fosse requisito para manter os velhos mais calmos e garantir-lhes uma piedosa qualidade de vida. Um dos velhos mais metedidos era António Jorge Silva. Dizia-lhe Jaime Ramos:

“O senhor viu alguma coisa, é isso?”

“Eu não vi nada, até estava a dormir. Só depois ouvi o Esteves a dizer que era uma tragédia.”

“Então e porque não vai descansar? Estamos a fazer o nosso trabalho, e já não demoramos muito.”

“O senhor agente acha que nós somos velhos e não prestamos para mais nada?”

“Eu não disse isso. O senhor não está a entender. Estamos a trabalhar.”

“E eu não posso ver? Não sou uma criança. Já vi muita coisa.”

“Como se chama?”

“António Jorge Silva.”

“Senhor António Jorge Silva, de verdade, de verdade, quantas menos pessoas estiverem por aqui mais fácil é para nós trabalharmos. Sabe, é uma questão de concentração.”

O Senhor António Silva afastou-se um pouco, depois voltou lentamente. Jaime Ramos e Isaltino de Jesus ficaram expectantes com o que lhes viria dizer o maluco, tão irredutível na vontade de não se ausentar. O homem chegou-